



A Literatura Feminina no Brasil do Século XX: Um Olhar Sobre O Patriarcado

Adriana N. de Souza¹, Yasmim W. dos Santos¹

¹Campus Arapiraca – Instituto Federal de Alagoas (IFAL) - Rodovia AL 110 – 57317-291 – Arapiraca – AL – Brazil

adriana.nunes@ifal.edu.br, yws2@aluno.ifal.edu.br

RESUMO

A violência contra a mulher é um assunto muito discutido no Brasil, entretanto, o país continua sendo violento para as mulheres, pois todos os anos são registrados centenas de casos de violência intrafamiliar, física e sexual, além das elevadas taxas de feminicídio. Há também diversas situações em que as mulheres são tratadas de forma desigual pela sociedade, são menosprezadas e subjugadas pelo sistema patriarcal. Nesse sentido, este projeto de pesquisa propõe analisar e comparar obras de escritoras do modernismo e pós-modernismo brasileiro, tais como *As parceiras*, de Lya Luft e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Dessa forma, constitui-se em uma pesquisa bibliográfica construída a partir dos estudos em Análise do Discurso, em Literatura Comparada e em Teoria e Crítica Literária. Diversas autoras da Literatura Brasileira construíram as obras a partir do discurso feminino para expor temas importantes e necessários, que devem ser discutidos, com base nas perspectivas de personagens femininas que enfrentam adversidades sociais impostas a elas. Dessa forma, para a análise e comparação das obras serão utilizados como referências teóricas, os estudos de: Sandra Nitri; Denize E. Garcia da Silva; Eni P. Orlandi; Antonio Candido, entre outros.

Palavras-chave: Discurso feminino; Literatura feminina; Patriarcado.

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

A sociedade contemporânea foi construída sobre uma sociedade patriarcal em que prevalecem as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e sobre todos os demais sujeitos que não se encaixam no padrão considerado normativo: homem branco, cisgênero (que se identifica com o gênero de nascimento) e heterossexual. A pesquisadora feminista e professora universitária Marlise Matos, em entrevista ao site Politize!, explica que apesar da oposição das sociedades modernas ao antigo regime centrado em um monarca absolutista e apesar da construção de um modelo democrático com o objetivo de criar um sistema social mais coletivo e justo, o antigo caráter da sociedade de oferecer poder, controle e domínio aos homens acima das mulheres permaneceu inalterado em todo esse processo que colaborou para reforçar as desigualdades de gênero, raciais, de classe, entre outras.

Diante das tensões que envolvem, principalmente, as desigualdades de gênero provenientes de um sistema patriarcal, torna-se fundamental a análise de como esse assunto é representado no texto literário e como a literatura mostra esse lado da sociedade e propõe a discussão acerca do papel do social no consentimento de situações que ferem, principalmente, as mulheres em seus próprios lares, pois a violência está presente no cotidiano de muitas mulheres, desde o assédio moral e sexual até o feminicídio. Pensando nesses assuntos relevantes e necessários para uma discussão aprofundada, esta pesquisa propõe-se a identificar e analisar no discurso feminino – das obras *As parceiras*, de Lya Luft e *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, a partir dos símbolos apresentados e dos silêncios nas obras – a influência do discurso patriarcal sobre as relações de subordinação e violência contra a mulher.



Para discutirmos tal temática será necessário que também que estudemos a literatura feminina do século XX no Brasil de modo mais abrangente, inserindo na pesquisa outras autoras como Lygia Fagundes Telles para que possamos compreender melhor quais as consequências do patriarcado estrutural na literatura.

Analisaremos, ao longo da pesquisa, como as mulheres têm suas trajetórias de vida representadas e se memórias de violência, sofrimento, tristeza, desgosto e preconceito estão presentes nas obras literárias.

Sabemos que a violência pode causar consequências brutais na vida das pessoas, principalmente, em mulheres. Essas consequências são investigadas pela pesquisadora Cíntia Engel, dra. em Antropologia Social, em seu trabalho publicado pela fundação IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada intitulado “A Violência Contra a Mulher” (2020) em que ela aponta que dentre as consequências das diversas formas de violência contra a mulher, há “um constante medo em meninas e mulheres, as quais são privadas e se privam de distintas liberdades, especialmente a de ir e vir, e, assim, de frequentar os mesmos espaços que os homens de forma igualitária”. Engel ainda fala sobre a violência simbólica que pode estar presente nas obras da literatura feminina brasileira.

Essa violência simbólica pode expor (no discurso literário) o poder que o patriarcado tem, principalmente, sobre as mulheres e isso é um tipo de violência simbólica que Engel (2020) cita em sua pesquisa ao falar das consequências:

[...] as consequências simbólicas das violações de mulheres, seja no nível individual e de formação de subjetividades de mulheres, seja na constituição de uma sociedade violenta para mulheres, que reproduz padrões patriarcais e machistas e impede o alcance de objetivos de igualdade de gênero.

O projeto objetiva comparar a presença do discurso feminino na obra de Clarice Lispector e Lya Luft, sob a perspectiva da análise do discurso. Nesse sentido, serão analisadas, no discurso feminino das obras, denúncias ao sistema patriarcal, sua influência e força contra as personagens femininas como reflexo da sociedade e do papel de submissão e de vítima das mulheres.

Para isso, as análises terão foco em direcionar os olhares ao silêncio das obras e discutir o que eles significam nesse contexto de observação, assim como discutir as questões de gênero e identidade nas obras. Além disso, propõe-se a analisar a perspectiva de relacionamento romântico nas obras e sua relação com o discurso social dominante e, por fim, a partir dos estudos em Literatura Comparada, elucidar as semelhanças e diferenças entre as obras na perspectiva da análise do discurso.

Portanto, o estudo relacionará as obras literárias às questões sociais que elas envolvem, principalmente, a relação de dominação dos homens e como estas afetam as personagens femininas. Portanto, as questões sócio-culturais serão o alicerce da discussão.

Para tal intuito, serão utilizadas como referências teóricas para as análises das obras: Literatura Comparada (2015) de Sandra Nitri; Nas Instâncias do Discurso (2005) de Denize E. Garcia da Silva (Org.); Discurso e Leitura (2012), Análise de Discurso (2020), As Formas do Silêncio (2007) de Eni P. Orlandi e Literatura Sociedade, de Antonio Candido.

OBJETIVOS ALCANÇADOS (até o momento)

O objetivo geral de compreender como o patriarcado estrutural marca o discurso feminino na literatura feminina do Brasil do século XX, em especial nas obras de Lya Luft e Clarice Lispector, está sendo alcançado até o presente momento, bem como os específicos. Isto, pois identificou-se que há uma série de preconceitos e silenciamentos presentes nas obras já lidas (*As Parceiras*, de Lya Luft e *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector), por exemplo: a mulher como objeto (quando Macabéa é julgada pela aparência em comparação à Glória, em *A Hora da Estrela* e Catarina, em *As Parceiras*, que é violentada pelo marido ao “cumprir o destino de esposa ditado pela sociedade”); Identificaram-se também as marcas do patriarcado presentes na construção das personagens das obras citadas, a exemplo, em *As parceiras*, as personagens femininas são subjugadas e privadas de serem protagonistas da própria vida, além da violência contra a mulher que é frequente e explícita na obra revelando a misoginia; *A hora da Estrela*, por sua vez, ilustra mulheres estereotipadas, em posição de inferioridade (o chefe é, na maioria das vezes, o homem), há carreiras ditas femininas, há



a definição do que é “ser feminina” – representada pela Glória – e do que “não é ser feminina” – retratada pela Macabéa –, há a competição feminina – quando Glória e Macabéa disputam pelo mesmo homem, que neste caso é o Olímpico; Realizou-se, por fim, a compilação teórica necessária para a construção do artigo final da pesquisa que será realizado nas próximas etapas (análise do discurso, silenciamento, dados sobre a violência contra a mulher, elementos de literatura comparada).

METODOLOGIA APLICADA (até o momento)

A pesquisa até o presente momento foi bibliográfica e de cunho qualitativo, tendo alicerce para a coleta de dados a leitura crítica de obras teóricas (livros, artigos, teses e dissertações) relacionadas ao patriarcado estrutural, às questões identitárias, à literatura e sociedade e à literatura comparada. A base da pesquisa bibliográfica contou também com a leitura e análise de obras literárias de escritoras brasileiras do século XX.

RESULTADOS ENCONTRADOS (até o momento)

Inicialmente, ao realizar a leitura das obras das autoras do modernismo brasileiro, pode-se identificar que as marcas do patriarcado estão presentes e constantes nas narrativas estudadas. Tanto a construção das personagens quanto o enredo são marcados pelos silenciamentos e papéis sociais determinados na sociedade patriarcal. Ao pensarmos na história, não podemos negar que as mulheres sempre estiveram lá, mas raramente foram vistas.

No século XIX, eram cidadãos de segunda classe: não podiam votar, não tinham direito à educação formal, não podiam exercer certos empregos e, o mais importante de tudo, não tinham voz. A mulher virtuosa era aquela que era silenciosa, ficava em casa, cuidava dos filhos e apoiava o marido. Como observa Lima (2023): “a mulher era concebida como um corpo a serviço do lar, dos outros e não como um sujeito pensante ou gerador de conhecimento” (p. 34).

Segundo Lima (2023), a sociedade “cria mães ignorantes para criar filhos submissos”, e isso demonstrou que a invisibilidade das mulheres não foi um acaso, foi um projeto.

No entanto, verificou-se que a invisibilidade agora é sutil, mas violenta. As mulheres continuam a ganhar menos, enfrentam sub-representação em cargos de liderança sênior e suportam o sexismo nas universidades, nas ruas, nas calçadas, até mesmo em casa. Os livros didáticos nas escolas ainda favorecem autores masculinos. Muito poucos são femininos, e a maioria dos escritores citados são homens. Isso ajuda a manter a noção de conhecimento como algo masculino: mesmo quando várias mulheres estão ensinando, produzindo e mudando.

Como Hollanda (2004) observou, “a mulher que escreve deve libertar-se primeiro das amarras simbólicas que a fazem duvidar de seu próprio valor como autora” (p. 28). No trabalho, acontece o mesmo. O IBGE (2023) demonstra que as mulheres são pagas menos que os homens em quase todas as situações quando estão exatamente nas mesmas posições.

Elas também suportam o que se chama de dupla e tripla jornada trabalhando fora, limpando e arrumando a casa, criando os filhos, e ainda são esperadas para serem calmas, bonitas e produtivas. Quando fazem isso, torna-se uma demanda desumana que adoce, oprime e sufoca.

E o pior: quando tentam denunciar ou alterar essa realidade, muitas vezes são desacreditadas. Como vítimas de violência de natureza doméstica, sexual, simbólica ou institucional, as mulheres precisam provar que estão dizendo a verdade. Assim, “onde o abuso ocorre dentro da família (de pai para filha, por exemplo), o silêncio é mais absoluto. Medo, vergonha e culpa significam que muitas dessas violências nunca aparecem ou são divulgadas.

Como Carla Cristina Garcia (2017) identifica claramente, “a estrutura patriarcal não se limita a leis e salários, mas abrange formas de pensar e sentir, no que a sociedade imagina como ‘normal’” (p. 103).

E ainda assim, as mulheres continuam lutando. Milhões de mulheres todos os dias enfrentam sexismo, preconceito e desigualdade com coragem. Muitas são forçadas: têm que lutar apenas para sobreviver.

Algumas mulheres continuam a batalhar para que as gerações futuras possam desfrutar de uma vida melhor. Como Djamilia Ribeiro (2017) nos lembra, “existir como mulher, especialmente como mulher negra, é um ato político diário” (p. 12). Elas resistem escrevendo, educando, denunciando, amando e cuidando umas das outras.



As histórias das mulheres, passadas e presentes, contam que a resistência feminina não é de grandes feitos de grande desafio heroico, mas de pequenos atos cotidianos de força, coragem, paciência, resistência e esperança. Elas continuam a falar mesmo quando o mundo quer silenciá-las. Mesmo quando são tornadas invisíveis, continuam a habitar seu espaço com dignidade. Verificou-se que essa invisibilidade e essa violência refletem-se no texto literário de modo significativo, em *As Parceiras*, de Lya Luft e *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector.

DIFICULDADES ENCONTRADAS

- Dificuldades técnicas: Devido às demandas acadêmicas, houve pouco tempo para concluir com êxito todas as leituras literárias estipuladas.
- Dificuldades de recursos: Não houve.
- Dificuldades financeiras: Não houve.

RELACIONAR O CRONOGRAMA PREVISTO COM O EXECUTADO

O cronograma prevê: a leitura de textos teóricos; a leitura de textos literários; A análise das obras lidas; A construção dos dados encontrados de acordo com os objetivos traçados; A escrita do artigo e divulgação dos resultados.

Estamos dentro do cronograma previsto, pois os três primeiros objetivos listados acima foram executados até os momentos e, além disso, as leituras realizadas já proporcionam um alicerce para a pesquisa e as análises aprofundadas a serem feitas na próxima etapa.

CONCLUSÕES PRELIMINARES E TRABALHOS FUTUROS

Foi possível concluir, com base nas leituras e análises feitas até o momento, que a literatura feminina do século XX revela um discurso que, ainda que feminino, é marcado pelas opressões do patriarcado. No mais, pretende-se, a partir dessa pesquisa, escrever ao longo dela um artigo científico, além deste, e ao final da mesma publicá-lo em alguma/s revista/s.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Branca Moreira. Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BIROLI, Flávia. Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. As várias faces do feminismo. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- DEL PRIORE, Mary. Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2015.
- CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. História (São Paulo), v. 30, p. 196-213, 2011.
- COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- COUTINHO, A. M. Vozes da liberdade: o legado abolicionista de Maria Firmina dos Reis e Júlia Lopes de



Almeida. Caderno Pedagógico, v. 21, n. 9, e8302, 2024.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Chica da Silva e o mito da mulher escrava. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina CanAdiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DA SILVA, Anna Beatriz Vianna; DE QUEIROZ, Juliana Maia. Representação feminina na literatura brasileira: o caso Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. Revista Científica Gênero na Amazônia, n. 25, p. 17-34.

FERREIRA, Lígia. Chiquinha Gonzaga: uma história de vida. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

FILHO, C. B. F.; FREIRE, Z. R. N. dos S. A invisibilidade da escrita feminina na literatura brasileira oitocentista: Maria Firmina dos Reis uma maranhense rompendo barreiras e fazendo história. Revista Brasileira de Desenvolvimento, v. 6, n. 10, p. 83150–83161, 2020.

GARCIA, Carla Cristina. Patriarcado e capitalismo: feminismo e luta de classes. São Paulo: Boitempo, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2025.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Atlas da Violência 2023. Brasília: IPEA/Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2025.

LIMA, Rebeca Nunes de Sousa. Literatura feminina contemporânea e sociedade: um olhar sobre o patriarcado estrutural. 2023. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português) – Instituto Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Arapiraca, 2023.

MOTA, Amanda Gomes; MENDONÇA, Simone Cristina. Júlia Lopes de Almeida e a educação feminina. In: Bio (Socio) Diversidade e Pluralidade na Amazônia Sul Oriental: VIII Anais do Encontro de Pós-graduação da Unifesspa, 2024, p. 319.

O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). Cadernos Pagu, Campinas, n. 12, p. 275–299, 2015.

OLIVEIRA, F.; FERNANDES, J. L. Emancipação e educação feminina em Opúsculo Humanitário de Nísia Floresta. Revista Eletrônica Kuab, v. 1, n. 1, p. 83-105, 2024.

PINHEIRO, Géssica Sabrine. De cortiço em cortiço: mulher e espaço social na obra Memórias de Marta, de Júlia Lopes de Almeida, 2019.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

SILVA, L. M. V. da; COELHO, M. T. A.; CAPONI, S. Violência contra a mulher e saúde pública: uma abordagem histórica. Revista Ciência & Saúde Coletiva, v. 12, n. 0000000000000005, p. 1119–1126, 2007.

SOIHET, Rachel. Mulheres e a história: o gênero feminino em debate. Rio de Janeiro: Contexto, 2011.

TABAK, Fani Miranda; GUIMARÃES, Alex dos Santos. Memórias de Marta: historiografia, gênero e literatura em Júlia Lopes de Almeida. Revista Diadorim, v. 9, 2011.

DALCASTAGNÉ, Regina. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Vinhedo: Horizonte, 2012.

GARCIA, Carla Cristina. Breve história do feminismo. São Paulo: Claridade, 2017.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.



IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

O GLOBO. Estudo revela desigualdade de gênero na literatura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com>. Acesso em: 25 ago. 2025.

REVISTA PHILOS. A literatura que não nos deixa esquecer: mulheres e representatividade. Rio de Janeiro, n. 34, 2019.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento, 2017.

AGRADECIMENTOS

As autoras expressam seu reconhecimento à FAPEAL pelo fomento indispensável à realização da IV SNCT e pela viabilização da publicação destes Anais. O agradecimento estende-se ao IFAL Campus Arapiraca pelo suporte institucional e infraestrutura disponibilizada, incluindo laboratórios como o Espaço 4.0 e equipamentos; à PRPPI pela concessão de bolsas e suporte através dos editais PIBIC e PIBITI; bem como ao CNPq e ao MCTI, cujos editais nacionais proporcionam as bases fundamentais para o desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação, elevando o impacto da produção acadêmica. Ademais, as autoras também gostariam de agradecer à orientadora, Adriana Nunes de Souza, pela iniciativa, e às discentes do curso de Letras – atualmente egressas porque graduaram-se no ano que se passou (2025) – que fizeram parte e auxiliaram a bolsista durante o início da pesquisa.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

RELATÓRIO COM RESULTADOS PARCIAIS EM FORMATO DE ARTIGO

Início da Execução do Projeto: 01/09/2025

Entrega do Relatório: 04/03/2026

Data de apresentação na IV SNCT: 01/04/2026